

**“O Professor É Um Segredo Que Se Deve Contar Em
Voz Alta, Para Toda A Gente Ouvir.”**

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos, conducente ao grau em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº43/2007 de 22 de fevereiro).

Orientadora: Professora Doutora Mariana de Sena Amaral da Cunha

Alexandre Miguel Gonçalves Ribeiro

Porto, setembro de 2017

Ficha de catalogação

Ribeiro, A. (2017). *“O professor é um segredo que se deve contar em voz alta, para toda a gente ouvir.”* Relatório de Estágio Profissional. Porto: A. Ribeiro. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO FÍSICA.

AGRADECIMENTOS

Á minha professora orientadora, professora Mariana Amaral da Cunha, pelo acompanhamento, disponibilidade e orientação ao longo do Estágio Profissional.

Á minha professora cooperante, professora Júlia Sequeira Gomes, por demonstrar confiança em mim desde o primeiro dia, pela partilha de conhecimento e experiências, pelos conselhos e por ter sido um apoio incondicional ao longo do ano letivo.

Ao meu núcleo de estágio, os meus companheiros de jornada, pelos momentos partilhados, pelos desabafos, pelas risadas, pela ajuda e pela amizade.

Ao meu 11º ano, por me ter proporcionado momentos incríveis, pelos desafios criados, pelas batalhas vencidas e pelas aprendizagens que me propiciaram.

Aos meus pais e a minha irmã, pelo apoio incondicional, por me incentivarem todos os dias a continuar a esforçar-me. E por todo o patrocínio ao longo destes 5 anos.

Á turma C do Mestrado. Onde sempre existiu entreajuda e vontade de partilha e de convívio.

Á FADEUP porque me permitiu conhecer pessoas incríveis que vou levar comigo para a vida.

ÍNDICE GERAL

Índice de Anexos.....	VII
Resumo.....	IX
Abstract.....	XI
Lista de abreviaturas.....	XII
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento biográfico.....	7
2.1. Autoscopia.....	9
2.2. Expetativas do estágio profissional.....	12
2.3. Entendimento do estágio profissional.....	13
3. Enquadramento da prática profissional.....	15
3.1. A escola como instituição.....	17
3.2. A escola secundária António Nobre.....	17
3.3. A disciplina de Expressão Corporal, Dramática e Musical.....	18
3.4. A turma residente.....	19
3.5. O núcleo de estágio.....	20
3.6. A comunidade educativa.....	21
4. Realização da prática profissional.....	23
4.1. Os Dilemas e preocupações iniciais.....	25
4.2. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem.....	25
4.2.1. Conceção.....	26
4.2.2. Planeamento.....	28
4.2.2.1. Planeamento Anual.....	30
4.2.2.2. Unidade Temáticas.....	31
4.2.2.3. Planos de aula.....	32
4.2.3. Realização.....	32
4.2.3.1. Modelos de ensino.....	37
4.2.3.2. Avaliação.....	38
4.2.3.3. Turma partilhada.....	40
4.3. Área 2 – Participação na Escola e Relação com a Comunidade.....	41
4.3.1. AEC- Atividades de enriquecimento curricular.....	41
4.3.2. O Magusto.....	43

4.3.3. Visita a Faculdade de Desporto-10º ano.....	44
4.3.4. Visita a Faculdade de Desporto-11º ano.....	45
4.3.5. O corta-mato escolar.....	45
4.3.6. Festa de Natal.....	47
4.3.7. Reuniões de Núcleo de estágio.....	47
4.3.8. Reuniões de conselho e turma.....	48
4.4. Área 3 – Desenvolvimento Profissional.....	49
4.4.1. Ciclo de investigação ação.....	49
5. Considerações Finais.....	61
6. Referências bibliográficas.....	65

INDICE DE ANEXOS

Anexo I – Ficha de observação de aula.....	XIX
Anexo II – Cartaz do corta-mato escolar.....	XX

RESUMO

O presente documento surge no âmbito da unidade curricular Estágio Profissional, inserida no 2º ciclo de estudos referente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. O Estágio Profissional decorreu numa escola do grande Porto, num núcleo constituído por três estudantes-estagiários, uma professora cooperante da instituição e uma professora orientadora da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. A minha prática pedagógica teve como foco a lecionação de aulas de Expressão Corporal, Dramática e Músicas a uma turma de 11º ano e atividade de enriquecimento curricular a crianças do 1º ciclo. A construção do presente relatório teve como base as vivências experienciadas ao longo do ano letivo, que contribuíram para a construção da minha identidade profissional. Foi estruturado em seis capítulos: o primeiro, “introdução”, enquadra o documento e retrata o seu propósito; no segundo “Enquadramento Biográfico” é realizada uma autoscopia e expectativas para o estágio; no terceiro capítulo “Enquadramento da prática profissional” é realizada uma caracterização a nível legal, institucional e funcional da prática profissional; no quarto capítulo “Realização da prática profissional” é concretizado um relato acerca do trabalho desenvolvido ao longo do estágio profissional suportado em três grandes áreas, área 1 – Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem, área 2 – Participação na escola e relação com a comunidade e área 3 – Desenvolvimento profissional; o quinto capítulo diz respeito ao estudo de investigação-ação, “Ciclo de investigação-ação”; no último capítulo relativo às “Considerações finais” é feita uma análise de todo o trabalho realizado ao longo do ano.

Este documento espelha a minha experiência, enquanto estudante-estagiário, no estágio profissional, através de uma reflexão consciente e responsável do meu processo de formação enquanto professora de educação física.

Palavras-chave: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO FÍSICA.

ABSTRACT

This document comes within the scope of the Professional Internship course, inserted in the 2nd cycle of studies related to the Master's degree in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education. The Professional Internship took place in a school in the Porto, in a nucleus made up of three student-trainees, a cooperating teacher of the institution and a professor of the Faculty of Sport of the University of Porto. My pedagogical practice focused on the teaching of dramatic and musical body expression and theoretical classes of practices of physical and sport activities to a group of 11^o year and the teaching curricular enrichment activities to children of the 1^o cycle.

The construction of this report was based on the experiences experienced during the school year, which contributed to the construction of my professional identity. It was structured in six chapters: the first, "introduction," frames the document and portrays its purpose; In the second "Biography" is carried out an autobiography and expectations for the stage; In the third "Framework of professional practice", a legal, institutional and functional characterization of professional practice is carried out; In the fourth chapter "Realization of the professional practice" an account is made of the work developed during the professional stage supported in three large areas, being Area 1 - Organization and Management of Teaching and Learning, area 2 - Participation in school and relationship with community and area 3 - Professional development; The fifth chapter concerns the research-action study, "Action research cycle"; In the last chapter on "Conclusions" an analysis is made of all the work carried out throughout the year.

This document mirrors my experience, as a student-trainee, in the professional stage, through a conscious and responsible reflection of my training process as a physical education teacher.

KEYWORDS: PROFESSIONAL STAGE, , PEDAGOGICAL, PHYSICAL EDUCATION.

LISTA DE ABREVIATURAS

DPJ- Desenvolvimento Positivo dos Jovens

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

ECDM- Expressão Corporal dramática e musical

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

PC- Professora Cooperante

UT- Unidade temática

1. INTRODUÇÃO

O presente documento foi realizado no âmbito do estágio profissional (EP), inserido no 2º ciclo de estudos em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), no ano letivo 2016/2017. Caracteriza-se por relatório de estágio e tem como objetivo expor e refletir acerca das atividades desenvolvidas ao longo do estágio profissional. Esta reflexão desempenha um papel fulcral na produção e estruturação do conhecimento pedagógico, os professores devem refletir de forma situada na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico e a sua aquisição pelo aluno (Alarcão, 1996).

Nas palavras de Batista e Queirós (2013), o espaço de Estágio Profissional (EP) é um processo repleto de vivências e conquistas que possibilita ao Estudante Estagiário (EE), no seu primeiro contacto com a realidade profissional, transformar os seus conhecimentos em função das exigências da prática.

O estágio profissional encerra a formação inicial do estudante estagiário, no qual todos os momentos foram portadores de aprendizagens fundamentais para cumprir as mais diversas tarefas. Sendo o objetivo geral do estágio profissional a integração da estudante estagiário no “exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionado em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”.¹ Para efetivar esta experiência a FADEUP providencia um ano de prática pedagógica em contexto escolar. Esta prática é vivenciada por um núcleo de estágio constituído por 3 estudantes-estagiários, estes são orientados diariamente por um professor cooperante da escola e por um professor orientador da faculdade.

O EP decorreu numa escola do grande Porto, na qual tive ao meu encargo, juntamente com a professora cooperante, uma turma de 11º ano do curso de Técnico de apoio á infância. Para além desta turma tive também o

¹ In Normas Orientadoras da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP: 2016/2017. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

prazer de lecionar atividades de enriquecimento curricular a crianças do 1º ciclo.

Neste ano letivo perspetivava transmitir o meu conhecimento aos meus alunos, desenvolvendo as potencialidades de cada um e cativando-os para a prática desportiva. Neste trabalho diário idealizava que todos eles crescessem enquanto alunos e atletas e, principalmente, como seres humanos.

O Relatório de Estágio é uma explanação das atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo. Tudo o que foi vivido, memórias e reflexões acerca das aulas e das atividades desenvolvidas ao longo do ano que foram merecedores de destaque na minha formação profissional. Como tal, este apresenta-se desenvolvido ao longo de seis capítulos. O primeiro, “Introdução” é uma apresentação dos objetivos e finalidade da realização do relatório de estágio. No segundo capítulo “Enquadramento biográfico” é realizada uma autoscopia, na qual é exposto em que medida as minhas circunstâncias contribuíram para o meu percurso académico. No terceiro capítulo “Enquadramento da prática profissional” é realizada uma caracterização a nível legal, institucional e funcional da prática profissional, acompanhada de uma caracterização da escola, do núcleo de estágio, da turma e do desporto escolar. No quarto capítulo “Realização da prática profissional” é concretizado um relato acerca do trabalho desenvolvido ao longo do EP suportado em três grandes áreas, área 1 – Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem, área 2 – Participação na escola e relação com a comunidade e área 3 – Desenvolvimento profissional. O quinto capítulo diz respeito ao estudo de investigação-ação. No último capítulo relativo às “Conclusões” é feita uma análise de todo o trabalho realizado ao longo do ano.

"O Professor é um segredo..."

O professor compra uma agenda nova, um caderno bonito, uma caneta verde. Prepara-se com expectativa (com esperança?) para o que o novo ano lhe trará.

O Professor é um aluno que não quis deixar a escola. O professor zanga-se, "congelado", longe da família, horário mau, vida difícil. Faz promessas e juras: não gasta nem mais um minuto no fim de semana, nada de projetos loucos, nem mais um tostão do bolso, nem mais um tinteiro, uma folha de papel, gota de tinta, gota de sangue, gota de suor. Espreitem uns dias depois. O professor está, outra vez, a fazer a festa com os alunos. A festa é, quase sempre, muito maior.

O Professor tem forma de coração com memória fraca. O professor não tem endereço eletrónico. Não escreve textos no computador. Não quer. Diz que não, que não gosta, que não percebe. O professor insiste que prefere lápis e papel. Nunca, nunca conseguirá. Diz que não vale a pena. E depois... O professor pede ajuda ao filho. O professor faz formação. Aceita a mão de outro professor. O professor dá mais um passo. O Professor é um caderno já muito cheio, onde encontramos sempre muitas folhas brancas.

O professor fala de saúde, futuro, matemática, inglês, poesia, estudo, música, informática, livros. Sabe fazer projetos, jornais, cartazes, desenhos, receitas, teatro. Cura feridas, ampara tristezas, acalma medos. Escuta segredos, dá conselhos, conta anedotas, prepara passeios, monta exposições. Dirige a escola, dirige um grupo, escreve regulamentos, prepara oficinas, constrói materiais. O Professor não sabe o que quer ser quando crescer. O professor faz muitas perguntas, por dentro e por fora dele. O professor gosta que lhe façam perguntas. O professor ensina que as perguntas são a melhor maneira de aprender. O professor acha mais difícil fazer uma boa pergunta do que dar uma má resposta. O professor ensina a perguntar. O professor não sabe todas as respostas.

O Professor é um ponto de interrogação com muitas respostas possíveis. O professor tem medo. De não conseguir, de não ser capaz, de errar, de acertar, de se perder, de perder alguém. Tem medo de ter medo. Medo de não ter medo. Medo de avançar depressa, de avançar devagar. Medo de ficar parado. O professor tem medo que não aconteça nada.

O Professor usa o medo como meio de transporte. O professor chora, ri. O professor sofre, mastiga desgostos, partilha-os se forem maiores do que ele próprio. Tem sonhos, tem desejos. Às vezes pinta, às vezes canta, outras escreve. Planta flores, cria borboletas, namora, ama, tem filhos, não tem filhos, representa, dança, vai ao cinema. O professor é feliz, é menos feliz, é feliz outra vez. O professor fica parado a pensar no que sente. O professor é de todas as cores por dentro e por fora. Mais do que o arco-íris. Mais do que a maior caixa de lápis de cor do mundo. Mais do que todas as cores que se podem imaginar.

O Professor do avesso é tão colorido como do direito. O professor recomeça tantas tantas vezes, que desiste do prefixo "re". O professor caminha numa estrada que dá voltas e voltas e voltas... Não se lembra de ontem. Não sabe o amanhã. Oferece o tempo que tem. O Professor não tem princípio nem fim.

O professor tem uma magia só dele. Um feitiço que lhe foi lançado, não se sabe quando nem por que fada. Ele é Bela ou Monstro, Princesa Adormecida, Gata Borralheira, Capuchinho Vermelho, Branca de Neve. As madrastas, os lobos, as bruxas, as trevas vão andar sempre por aí. Ele luta, história a história, contra todos eles.

O Professor tem de ser o final feliz de todas as histórias, para que o mundo se salve.

Por entre o som das palavras, o professor é cheio de silêncios que poucos conhecem. Silêncios que falam, muitas vezes, uma língua que quase ninguém se lembra de ter ouvido.

O Professor é um segredo que se deve contar em voz alta, para toda a gente ouvir." (Teresa Martinho Marques, 2005)

2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

2.1) Autoscopia

Chamo-me Alexandre Miguel Gonçalves Ribeiro, nasci no dia das mentiras, dia 1 de Abril, do ano de 1994, pelas 15h. O meu aparecimento foi registado em Viana do Castelo, sendo natural de lá, mais propriamente de Darque.

Quando era mais novo fui criado por uma ama, que cuidava também de duas crianças, mais velhas. Desde cedo fui estimulado a brincar fora casa, no quintal, na rua e no grande pátio da sua casa.

Quando entrei para o infantário, com 4 anos, fui inscrito na piscina pelos meus pais, que sempre defenderam que tinha que praticar alguma atividade física.

Aliado à piscina, 2 anos mais tarde, fui inscrito no Judo. Este desporto demonstrou ser interessante até aos 10 anos, momento em eu achei que se estava a tornar monótono, e pedi aos meus para deixar de o praticar.

Com a saída do judo apareceu o futebol. Aí sim, sentia-me em “casa”! Comecei a ter treinos 3 vezes por semana e acabei por abandonar a piscina, que também já me estava a cansar um pouco.

Sem dúvida que sou um maior adepto de desportos coletivos, talvez por isso me tenha identificado mais com o futebol e menos com os outros dois desportos individuais que pratiquei.

No que diz respeito ao futebol, fui praticante federado até aos 19 anos, ou seja, até ao segundo ano da licenciatura. Com a entrada na faculdade tornou-se impossível conciliar a prática desportiva federada com os estudos, pelo que optei pela mais importante para mim, que era a licenciatura.

Como é possível constatar, independentemente do seu formato , o desporto sempre fez parte da minha vida e sinto uma paixão e um orgulho enorme por isso.

Por que razão escolhi a licenciatura em ciências do desporto?

Na realidade, eu inscrevi-me no secundário no curso de artes visuais. Sempre gostei de desenhar, tenho um tio arquiteto e pensava que era isso que queria para a minha vida.

Faltando pouco tempo para o final do 12º ano comecei a pensar como seria a minha vida e concluí que o dia todo sentado num escritório, em frente a um computador, lápis, régua, borracha, *autocad*, não se afigurava como o espaço de trabalho que almejava. Sentia que tinha que optar por uma área profissional com qual me identificasse e que representasse o meu percurso até à conclusão do ensino secundário. Neste sentido, falei com a minha professora de educação física, a qual me informou que tinha o perfil ideal para o curso de desporto.

Nesse mesmo dia, em casa, falei com os meus pais e expliquei-lhes a razão da minha decisão. A reação da minha mãe foi a seguinte: “Não te estava a imaginar sentado numa secretária o dia todo, tu tens medo que a casa te caia em cima!”. Na realidade era isso mesmo que acontecia, não propriamente “a casa cair-me em cima”, mas o facto de estar sempre a arranjar alguma coisa para fazer: jogar a bola, andar de patins, andar de bicicleta, fazer *surf*, entre outras atividades desportivas ao ar livre. Ainda hoje a minha mãe mantém essa expressão quando me vê a chegar de fim-de-semana a Viana do Castelo ao verificar que me apeço logo a fazer o saco para ir jogar à bola.

A decisão de seguir desporto foi das melhores escolhas da minha vida. A faculdade trouxe-me grandes alegrias, grandes amigos, abriu-me novas portas e, acima de tudo, enriqueceu-me como pessoa e como profissional.

Já na licenciatura, optei por seguir a metodologia de Exercício e Saúde e fui estagiar na Universidade Fernando Pessoa (UFP).

Quando cheguei à academia de saúde e lazer (ASL), que é o ginásio da UFP, era demasiado introvertido e a experiência que tinha em ginásios era pelo treino que fazia e pouco mais. No início desta nova aventura, eu e o meu colega de estágio fomos estimulados a dar aulas de grupo. Fiquei em pânico. Inicialmente comecei por dar Step coreografado, de 25 minutos e abdominais. As aulas foram crescendo e novos desafios foram surgindo. Terminei o meu ano de estágio a dar Step coreografado de 45 minutos e Gap de 45 minutos.

Finalizado o estágio, fui convidado a integrar a equipa de UFP-Kids. A UFP-Kids é um campo de férias realizado dentro das instalações da UFP e desde 2014 que faço parte deste projeto.

Finalizada a licenciatura, queria continuar os estudos e como sempre adorei trabalhar com crianças e gosto imenso de ajudar as pessoas a “crescer”, logo me apercebi este era o mestrado indicado, na medida em que possibilita o contacto com os alunos e o seu percurso educativo e de vida. Não obstante esta constatação, também gostei muito da minha experiência no *fitness*, o que me fez continuar a investir nesta área.

No primeiro ano de mestrado, andei a contactar ginásios e decidi propor-me como estagiário (para aprender) no Kangaroo Health Club- Porto. Iniciei, assim, o estágio em Setembro de 2015, como professor ajudante na natação e na sala de musculação, a ouvir como interagiam com as pessoas, a sua prescrição de exercício, entre outros aspetos relacionados com a profissão de monitor de *fitness*.

Em Janeiro, reconheceram que estava a ter um bom desempenho e propuseram-me um horário, na musculação, e mantive-me como ajudante nas aulas de natação. No início desta época, de 2016, em Setembro, recebi a proposta para integrar a equipa do Ginásio, como professor de sala de musculação e professor de natação, aceitei-a com muito orgulho, porque revela que reconheceram o meu empenho e dedicação. Aliada a esta oportunidade profissional, recebi uma proposta de um ex-coordenador do ginásio para integrar a equipa no seu novo ginásio. Aceitei, no entanto, coloquei a condição de que teria que conjugar as horas do ginásio com o horário do estágio da faculdade, visto que a prioridade continuava a ser a conclusão do mestrado.

À FADEUP, e à Universidade Fernando Pessoa agradeço a expansão de horizontes e as experiências que me foram proporcionadas. O desporto continuará a fazer parte da minha vida e espero conseguir fazer com que o meu gosto seja inculcado nas pessoas com as quais trabalho e vivencio.

2.2) Expetativas Iniciais

Nesta fase final do Mestrado, no estágio profissional, admito que as minhas expectativas eram muitas e elevadas. Esperava conseguir passar para toda a comunidade escolar o gosto pela prática de exercício físico, porque é isso que me move, é isso que nos move.

No ano de estágio que passou encontrei diferentes crianças e jovens, de diferentes contextos, com diferentes mentalidades, que me questionaram sobre a razão de fazer as coisas de uma maneira e não de outra. Neste ano pretendi fazer com que a minha passagem pela escola cooperante fosse marcante, tanto para mim, como para a vida daquelas crianças e jovens, que os tenha feito crescer e que os faça sorrir quando se lembrarem de mim.

As crianças e jovens de hoje mudaram muito, comparativamente com as “do meu tempo” e eu só tenho 23 anos. Já não vejo vontade para correr e saltar, poucos são o que se sujam no recreio a subir as árvores e a jogar à bola. O tempo das correrias para o recreio acabou.

Em suma, pretendi melhorar e aprimorar os meus conhecimentos relativamente à prática pedagógica. Fiquei um pouco limitado relativamente á lecionação de conteúdos desportivos, porque não foi possível abordá-los completamente, derivado ao contexto em que fiquei inserido. Pretendi absorver e partilhar conhecimentos ao máximo, para que no futuro possa ser um professor de Educação Física completo.

2.3) Entendimento do estágio profissional

A identidade do professor de Educação Física (EF) começa a ser desenvolvida desde cedo, edificando-se a partir de inúmeras referências, designadamente a partir da sua história familiar, da sua experiência escolar e académica, da sua convivência com o ambiente de trabalho e a sua inserção cultural no tempo e no espaço (Cunha, 2002).

Quando falamos em formação inicial do professor, o estágio profissional caracteriza-se por ser a sua última etapa, na qual o estudante estagiário mobiliza para a prática o seu conhecimento teórico. Este processo é visto como um “choque com a realidade” (Veenman, 1984). Vejo o Estágio Profissional (EP) como a subida em campo de um jogo de futebol. Quando vamos mostrar tudo o que temos, tudo o que somos, tudo o que aprendemos, a forma como estamos preparados, como nos esforçamos para lá chegar. É o culminar de um processo, é o resultado final de uma jornada que só pode ter um final, a vitória. Como em todos os jogos, há coisas que correm menos bem, mas devemos ver o erro como algo positivo, que nos dá a oportunidade de repensar, refletir e melhorar. O estágio profissional é o momento de confronto com as expectativas, por um lado isto é ótimo, por outro não. Se nós elevarmos demasiado as nossas expectativas podemos vir a sofrer uma desilusão e isso pode marcar imenso a vida e a carreira de um professor. Como referi no tópico acima, espero encontrar diferentes tipos de alunos e que estes me obriguem a pensar e a melhorar. Neste sentido, considero que devemos ter expectativas, mas mantendo sempre o foco na realidade, de forma a nos salvaguardarmos, pessoal e profissionalmente.

Nesta fase da formação é estabelecida uma ligação entre os saberes teóricos, saberes da profissão e saberes da prática. O professor desenvolve-se como profissional dentro do estágio através de vivências que permitem o seu desenvolvimento profissional. Para que tal suceda, quanto mais ricas forem

essas vivências melhor, passando por vários contextos da profissão até então desconhecidos ou sem termos experiência para lidarmos com eles.

Segundo Braga (2001), a formação adequada e correta dos professores é responsável pelo sucesso das novas gerações, o que pressupõe que nós, professores, seremos os responsáveis por moldar e desenvolver as crianças e jovens de hoje. Isto vai de encontro ao que defendo: mudar a vida dos alunos e incutir-lhes novamente o gosto pelo exercício física, algo que agora se encontra adormecido.

Aliado a tudo isto, o Estágio profissional (EP) revela-se como um constante jogo de ações e reflexões. Quer isto dizer que devemos sempre ponderar a nossa prática alicerçada no que aconteceu anteriormente, o que nos obriga a refletir frequentemente. De uma forma muito simples: se um exercício correr mal, eu devo tentar perceber o porquê, tentar melhora-lo e torna-lo rentável para a turma. Isto só é possível se houver uma constante reflexão sobre a prática. A reflexão sobre a reflexão na ação denota, assim, relevância no processo, essencialmente para o desenvolvimento do conhecimento profissional através da análise das diferentes reflexões que fizemos.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1) A escola como instituição

A escola como instituição tem como um dos principais pressupostos a formação do cidadão na sua globalidade de forma a ser inserido na sociedade em que vive. É um meio que deve garantir a educação para todos, deve assegurar a formação pessoal, intelectual, cultural, social, e física de todas as crianças e jovens da nossa sociedade, deve atender às dificuldades de cada um, para que todos possam desfrutar de aprendizagens plenas e enriquecedoras, para que as suas potencialidades sejam exploradas ao máximo. Afinal, a Educação é um direito de todos.

A escola constitui-se como uma instituição hierárquica, que deve educar para a vida e, por sua vez, para o mundo dos valores. Os profissionais que dela fazem parte, embora estejam preparados para o domínio das disciplinas, devem desenvolver nos jovens a educação e os valores. (Guerra, 2002).

A escola deve ser vista como uma organização que Teixeira (1995, p.162), define como “um conjunto de indivíduos que interagem”. Na instituição escolar, as interações entre pessoal docente e não docente e a relação com o meio envolvente serão importantes para o melhor funcionamento da escola já que “o que fizerem com as suas relações definirá o que é a organização”.

3.2) A escola cooperante

A escola onde fiquei inserido foi destinada a servir toda a vasta zona da freguesia de Paranhos e outras freguesias limítrofes situadas a Norte da Circunvalação.

No decurso de dois processos de agregação/ fusão de estabelecimentos de ensino, o primeiro em 2010 e o segundo em 2012, passou a Escola sede do atual *Agrupamento de Escolas*.

Concebida segundo uma filosofia de “escola aberta”, inovadora na época, a escola cooperante é composta por quatro blocos, ligados por alpendres que permitem um permanente contacto com o exterior.

É frequentada por uma população estudantil heterogénea, residente quer na freguesia de Paranhos, quer nas freguesias e concelhos limítrofes.

Fruto da parceria com clubes desportivos, a Escola recebe ainda alunos de diferentes partes do país e até do mundo.

Esta diversidade transforma-a num espaço multicultural, permitindo a toda a comunidade educativa o contacto com diferentes realidades e promovendo o espírito de escola inclusiva.

3.3) A disciplina de Expressão Corporal, Dramática e Musical

A disciplina de Expressão Corporal, Dramática e Musical (ECDM) integra-se na Componente de Formação Técnica do Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância (nível 3), com uma carga horária de 240 horas, a desenvolver ao longo dos três anos.

Neste curso, a Expressão Corporal, Dramática e Musical tem uma grande importância uma vez que se trata de um curso onde a vertente humanista assume um papel preponderante, pelo que a abordagem desta disciplina anuncia-se como um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos, em relação ao saber e às competências, sempre individuais e transitórias. Na verdade, esta será uma abordagem marcadamente bipolar situando-se entre polos aparentemente opostos e contraditórios: entre a razão e a intuição; racionalidade e emoção; simplicidade e complexidade, entre o passado, o presente e o futuro.

Não só é um curso que, por um lado, direciona a formação de modo a que os alunos lidem com seres humanos iguais a si próprios, como também pretende formar técnicos possuidores de uma sólida e consistente preparação social, cultural e intelectual. Neste sentido, a disciplina de ECDM revela-se um polo de extrema importância uma vez que tem como objetivo último proporcionar as bases fundamentais para que o Técnico de Apoio à Infância

possa desempenhar a sua função com a maior dignidade e formação possíveis.

As competências artísticas desenvolvem-se através de processos diversificados de apropriação de sentidos, técnicas, experiências de reprodução, criação e reflexão, sempre de acordo com os níveis de desenvolvimento cognitivo dos jovens. O aluno deve ter a noção de que está a interferir diretamente com a educação e com a comunidade, e, por vezes, com a educação da própria comunidade. Como tal, qualquer que seja o projeto, o evento ou o jogo, tudo deve ser bem ponderado e refletido dado o vasto campo de possível influência. Assim, esta disciplina pretende ter como principal objetivo a estimulação de alguns sentidos, emoções e pensamentos, com o fim último de se educarem espíritos atuantes em conformidade com os valores essenciais: estéticos, sociais, culturais e humanos. (Programa de Expressão Corporal, Dramática e Musical- Técnico de apoio á infância-2017.)

3.4) A turma residente

A turma era constituída por 16 alunos, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. Sendo uma turma do 11ºano a média de idades deveria rondar os 16 anos. Não obstante, registou-se uma média de idades de 18,3 anos.

Relativamente ao sexo, o grupo-turma era composto maioritariamente por alunas, sendo que de um total de 16 alunos, 10 eram do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

No final do ano a turma ficou reduzida a 13 alunos. Três alunos optaram por abandonar os estudos.

Nesta turma 10 alunos não praticavam desporto fora da escola e somente 6 praticam. Destes 6, a modalidade praticada era o Futebol.

Lembro-me no início do ano, em que lecionei um conteúdo de dança, os rapazes dizerem que não queriam fazer aula, só queriam jogar futebol. Tive

que arranjar uma solução para os motivar. Criei um jogo em que eles competiam em equipas, com diferentes movimentos coreográficos, e a equipa que ganhasse tinha 10 min da aula para realizar um jogo a seu gosto. Com isto consegui que eles se aplicassem e estivessem motivados para as aulas de dança.

No geral, foi uma turma trabalhadora e empenhada, traquina e desafiante.

Como em tudo tive conquistas e derrotas. Atividades de aula bem-sucedidas, outras nem tanto. Alunos com quem me identifiquei mais e outros menos.

Há alunos que nos marcam mais que outros, uns por aspetos positivos, outros por aspetos menos bons. Alguns pelo feitio especial, outros pela amizade, pelas vitórias e pelas guerras! Pela entreaajuda e a evolução.

3.5) O núcleo de estágio

O Alexandre e a Cristiana foram os outros dois estudantes-estagiários que constituíram o meu núcleo de estágio.

O Alexandre já era da minha turma no primeiro ano, a Cristiana não. Não a conhecia. O ano de estágio possibilitou a oportunidade para a conhecer melhor.

Sempre nos ajudamos mutuamente, nunca nos tentamos ultrapassar. Fomos um grupo coeso, no sentido integral da palavra, existiu união, entreaajuda, cooperação, respeito, e acima de tudo, amizade.

Neste sentido, estou muito grato por todo o apoio, disponibilidade e paciência demonstrados pelos meus dois colegas de estágio e realço que foi um prazer trabalhar com eles.

3.6) A comunidade educativa

A comunidade educativa onde fiquei inserido não podia ter sido melhor. Fomos muito bem recebidos e sempre houve abertura/disponibilidade de todos para nos ajudar no que precisamos ao longo do ano. O sentimento de professor estagiário esteve presente até entrar pela primeira vez as portas da escola, a partir daí, nunca mais me senti como tal. Sempre tive apoio e todos nos trataram como professores, tanto funcionários, como professores e, até mesmo, o diretor do agrupamento. Senti-me claramente um professor como todos os outros.

Todas as manhãs, às 10h20min, a funcionária do bar perguntava-me: “professor é o do costume?” O facto de se lembrar de mim e do que costumava pedir para lanchar era algo que me deixava orgulhoso e que me fazia sentir feliz por estar inserido naquele grupo.

Relativamente á professora cooperante (PC), posso afirmar foi uma enorme surpresa, sempre disposta a ajudar e confiava em nós a 100%. Entrevia e interagia connosco quando necessário deixando sempre a sua perspetiva bem explícita e fundamentada. É ótimo podermos estagiar com uma PC com tantos anos de experiencia e vivências em diversas áreas.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4.1) Os Dilemas e preocupações iniciais

No final do primeiro ano de mestrado, em Julho de 2016, senti que estava preparado para iniciar o ano de estágio que aí se aproximava. Com o passar dos meses, Julho e Agosto, fui sentindo um “nervoso miudinho” e um sentimento de ansiedade. Estava com medo. Com medo de não estar preparado, de ser mal recebido, de não gostar da turma, da turma não gostar de mim, de ter falta de conhecimento, inúmeras dúvidas estavam na minha cabeça.

Na primeira reunião com a professora cooperante, ainda no auditório da Faculdade de Desporto, senti que não tinha que ficar assim tão preocupado. A turma já havia tido um professor estagiário no ano anterior e estava ciente de que estamos em processo de formação. Esta informação acalmou-me bastante, no entanto, algo me voltou a preocupar! A minha turma seria de um curso profissional, de Técnico de apoio à infância, o que queria dizer que não iria lecionar Educação Física regular mas sim ECDM! O que é isso? – Pensei eu. Nesse dia, a primeira coisa que fiz ao chegar a casa foi pesquisar sobre este tema e tentar falar com o professor que acompanhou a turma no ano anterior para esclarecer as minhas dúvidas e inseguranças.

Após uma pesquisa sobre o assunto e uma conversa com o professor do ano anterior percebi que esta disciplina se remetia em dotar os alunos de ferramentas para utilizar com crianças, para as fazer crescer, para as dotar de conhecimento, como por exemplo os jogos lúdicos.

4.2) Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Nesta área insere-se a Conceção, o Planeamento, a Realização e a Avaliação do ensino, que são os pontos fundamentais para o desenvolvimento da ação pedagógica. Esta componente apresenta claramente os objetivos pedagógicos para cada vetor tendo em conta a experiência do estudante como professor estagiário de Educação Física.

4.2.1) Conceção

A conceção do ensino diz respeito “à análise dos planos curriculares, dos programas de educação física, utilização dos saberes próprios da EF e os saberes transversais em educação, tendo em conta os dados da investigação e o contexto cultural e social da escola e dos alunos.”² Neste sentido, é necessário visitar o tão agitado mês de setembro, quando iniciei o meu estágio na escola cooperante, no tempo em que tudo era novidade.

A professora cooperante foi a primeira pessoa a quem fui apresentado, e assim se deu início aos primeiros momentos na escola, ocorrendo a primeira reunião com a orientadora e os meus colegas de estágio com o intuito de conhecer o funcionamento da escola e das turmas com as quais iríamos trabalhar. Após esta reunião inicial, conhecemos as instalações da escola, assim como alguns docentes e pessoal não docente do referido estabelecimento de ensino.

A esta primeira familiarização com o espaço, seguiu-se o conhecimento e análise dos documentos locais pelos quais a escola se rege de forma a que me pudesse enquadrar nas suas conceções e práticas, sendo eles o regulamento interno, o projeto educativo de escola, o plano anual de atividades, o programa nacional de ECDM e, uma vez que os meus alunos frequentavam um curso profissional, tive ainda acesso ao regulamento dos cursos profissionais.

Relativamente ao projeto educativo de escola, reflete a "forma particular como, em cada contexto, se reconstrói e se apropria um currículo face a uma situação real, definindo opções e intencionalidades próprias, e construindo modos específicos de organização e gestão curricular, adequadas à consecução das aprendizagens que integram o currículo para os alunos concretos daquele contexto" (Escola Secundária António Nobre, 2015), no

² In Normas Orientadoras da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP: 2016/2017. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

fundo é uma reconstrução do currículo a nível nacional tendo em consideração as características da escola, dos alunos, do contexto e das intenções educativas, “objetivando uma cultura sistemática de reflexão partilhada por todos os docentes, e assente num paradigma de escola inclusiva”. (Escola Secundária António Nobre, 2015, p. 14)

A escola deverá ser um local de formação integral do aluno, trabalhando para munir o cidadão do maior número de competências e capacidades, para que este usufrua de uma integração ativa na sociedade. O plano anual de atividades é um instrumento que permite a execução com mais clareza do projeto educativo de escola, através de metas e calendários bem definidos, proporcionando aos alunos um vasto leque de experiências nas mais diversas áreas, trabalhando no desenvolvimento global destes (Escola Secundária António Nobre, 2015).

Um outro aspeto fundamental nesta fase de conceção, foi a análise do regulamento dos cursos profissionais, uma vez que se diferencia em vários aspetos do ensino regular, seja no modo de aprovação, no regime de faltas, no seu carácter mais prático, de formação para uma profissão, assim como nos conteúdos programáticos.

O processo de conceção ficou concluído com a análise e caracterização individual de cada aluno da turma do 11º do curso de Técnico de apoio à infância. Esta análise foi realizada em diálogo com a professora cooperante e mais pormenorizadamente através do preenchimento de questionários. Estes permitiram-me perceber que estava perante uma turma com uma pequena afinidade pelo desporto, sendo a sua maioria não era praticante de desporto.

A grande disparidade desta turma verificava-se na média de idades, mais de metade da turma já tinha reprovado mais de duas vezes ao longo do seu percurso académico.

Toda a informação recolhida ao longo do processo de conceção foi preponderante para o meu conhecimento da turma, do contexto escolar e para orientar os distintos níveis de planeamento das aulas (anual, unidades didáticas e aulas).

4.2.2) Planeamento

Na elaboração de um planeamento o professor deve relacionar os conteúdos programáticos com o contexto educativo em concreto. Segundo Bento (2003, p57) o planeamento implica o “jogo conjunto das indicações programáticas e das condições e ações que as prologam e concretizam. Este ajustamento das indicações centrais à situação concreta é necessário em todas as circunstâncias”. É com base nos programas nacionais, das condições materiais e espaciais da escola, do nível dos alunos, do comportamento e do conhecimento dos mesmos que se elabora o planeamento, que contem todas as tomadas de decisão adaptadas à realidade escolar na procura de potenciar o nível de desenvolvimento dos alunos.

Vi o planeamento como um fio condutor, em que conhecia o início e expectava um fim. É muito importante este item ser dos primeiros a ser idealizado e estruturado, porque é com base nele que conseguimos alinhar e perspetivar todo o nosso ano de estágio.

O modelo de planeamento que elaborei estruturou-se na proposta elaborada por Vickers (1990), o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC). Este modelo está dividido em três fases e engloba oito módulos que servem como estratégia para o professor melhorar a eficácia do seu ensino:

- Fase de análise (módulo I, II e III)
- Fase da decisão (módulo IV, V, VI e VII)
- Fase da aplicação (módulo VIII)

Relativamente à fase de análise (Modulo I, II e III), é desenvolvido um organograma de estrutura de conhecimentos da modalidade. Ainda nesta fase, procura-se ter um conhecimento conciso das infraestruturas e recursos materiais disponíveis, no fundo, de todos os elementos do contexto, na procura de conseguirmos ter as tomadas de decisão mais acertadas.

Segue-se a fase das decisões, em que se determina a extensão e a sequência da matéria, tendo em conta o que foi analisado anteriormente (módulos I, II e III). Definem-se os objetivos, configura-se a avaliação a utilizar (inicial e sumativa) e criam-se as progressões de ensino.

A fase de Aplicação refere-se ao plano anual, unidades didáticas e planos de aula, que correspondem aos três níveis de planeamento apresentados por Bento (2003).

Estes níveis estão sujeitos a constante alteração porque os alunos podem reagir de maneira diferente ao que nós planeamos, tanto para melhor como para menos bom. É importante aceitar estas alterações e não tentar abusivamente seguir á risca o planeamento inicial e estarmos abertos a sugestões/ajustamentos.

Com este replaneamento do plano inicial somos obrigados a refletir a nossa prática, e só desta forma é que somos capazes de crescer e potenciar o desenvolvimento dos nossos alunos.

É possível constatar que é no primeiro nível de planeamento que se encontra o plano anual, que é estruturado através das diretrizes nacionais, numa constante adaptação ao contexto e às normas da escola. O segundo nível identifica-se como a criação da Unidade Didática, que será diferente de turma para turma, pois cada uma tem as suas particularidades e realidades distintas. E para colocar termino a estes níveis surge o plano de aula, que traduz as decisões anteriores relativas à matéria, aos alunos e às condições do ensino, segundo o(s) objetivo(s) para cada aula.

Seguindo estas diretrizes, tentei manter uma sequência lógica nos conteúdos que abordei, reformulando-os e adaptando-os sempre que necessário.

4.2.2.1) Planeamento Anual

O planeamento anual realiza-se através da ponderação do programa nacional e dos documentos da escola. Este assume-se como um elo de ligação entre os conteúdos pré-estabelecidos com a situação concreta da escola.

Nesta fase, em que comecei a analisar os módulos, para tentar perceber que recursos materiais e/ou espaciais iria necessitar, fiquei em pânico. Dei por mim a ler algo como: Módulo 4- Ritmo do Corpo; Módulo 5- As técnicas de manipulação; Módulo 6- Ritmos e melodias. Fiquei algo frustrado, desiludido também, por não ter uma turma de EF regular. É certo que na faculdade aprendemos imensos jogos lúdicos, mas não percebia como seria possível fazer jogos lúdicos, com base nos conteúdos a lecionar, durante 9 meses, estava assustado! Dei início a minha pesquisa para estar dotado de ferramentas para o que daí advinha.

O recurso á internet, ao youtube, aos livros, á professora Júlia, alicerçaram-me neste processo e aos poucos fui moldando os jogos aos objetivos dos conteúdos a lecionar.

Neste ano, como já referi em cima, lecionei 3 módulos:

- Módulo 4- Ritmo do Corpo;
- Módulo 5- As técnicas de manipulação;
- Módulo 6- Ritmos e melodias.

Este plano anual foi idealizado tendo em conta a especificidade da turma e da escola.

Todas as aulas previstas foram lecionadas, porque esta disciplina está inserida num curso profissional e temos que, obrigatoriamente, dar os tempos respetivos a cada módulo. Como é normal, surgiram algumas alterações de datas referentes a atividades e feriados.

4.2.2.2) Unidade Temática

Ficando em plano de fundo o planeamento anual, é o momento de criar a unidade temática (UT).

As UT revelam-se como partes essenciais do programa da disciplina. Constituem “unidades fundamentais” no processo de ensino e aprendizagem apresentando etapas claras para a obtenção dos resultados pretendidos. Estas são organizadas pelo professor englobando a organização do ensino de uma determinada modalidade desportiva, servindo de base para a preparação das aulas (Bento, 2003). Segundo Rink (2014) os objetivos da UD devem ser elaborados de forma específica de acordo com o expectável e com os alunos que temos em mãos, para que possa haver uma aprendizagem progressiva ao longo da UT.

Novamente, as UT tiveram como base da sua estruturação o MEC de Vickers (1990).

Nesta fase é de elevada importância conhecermos bem os alunos que temos nas mãos, as suas fraquezas, os seus pontos fortes, os seus problemas e o seu comportamento. É natural que no início não os conhecesse tão bem e tivesse cometido alguns erros, mas desta forma pude melhorar e aprender para o Futuro. A par disto, é importante também conhecermos bem a escola e todos os recursos que temos disponíveis para a nossa lecionação.

Nesta fase, quando elaboramos as UT, a divisão dos conteúdos, o número de aula para conteúdos, estamos a criar uma expectativa á nossa lecionação e ao nível expectável dos nossos alunos. Este processo está em constante reformulação e adaptação

Tive bastante sorte com as infraestruturas que a escola dispunha, apesar da coluna de som não ser a melhor, consegui lecionar todos os conteúdos em que necessitei de música.

A escola dispunha de bastantes arcos, cones e bolas que se revelaram uma mais-valia neste tipo de contexto que era a disciplina de ECDM.

4.2.2.3) Planos de aula

O nível de planeamento mais detalhado, o plano de aula, liga a preparação do ensino à prática, sendo o “cerne do trabalho pedagógico diário do professor” (Bento, 2003, p. 102)

Por vezes o plano de aula adequa-se perfeitamente aos alunos, os exercícios são motivantes, eles gostam! Outras vezes, é necessário fazer alterações. Estas alterações podem ter que ver com os alunos, com o seu comportamento, com o seu estado de espírito naquele dia, ou mesmo por causa das infraestruturas.

“Tive que alterar o exercício das estafetas porque começou a chover e caía água no pavilhão. O Francisco caiu e foi para o hospital. Como estava no final da aula, optei por sentar os alunos e conversar com eles para perceber como eles reagiriam se isto acontecesse com eles.”
(Reflexão da aula 12- Modulo 2)

Tomei esta decisão porque o objetivo desta disciplina é dotar os alunos de ferramentas para trabalhar com crianças. No final deste ano os alunos vão realizar estágio e pensei que seria interessante serem eles a dar soluções visto que lhes pode acontecer a eles!

A estrutura do plano de aula foi elaborada em conjunto com a Professora Orientadora, a professora Cooperante e o Núcleo de Estágio. O plano de aula deve ter tudo aquilo que achemos pertinente e que nos ajude na lecionação da aula e devemos identificar-nos com essa estrutura.

4.2.3) Realização

A parte mais divertida de todo o estágio, o momento em que após o estudo e toda a preparação aplicamos o que sabemos. A “prova dos nove” dos 3 níveis anteriormente falados.

O primeiro contacto

A meu encargo, ficou a turma do 11º, do curso profissional de técnico de apoio à infância. A disciplina a lecionar foi a de ECDM.

Dia 20 de Setembro de 2016: o início da minha aventura na Escola.

Neste dia tive o primeiro contacto com os alunos e com a professora cooperante em contexto de aula. Previamente já tinha sido informado que esta primeira aula seria apenas para me apresentar aos alunos, conhecê-los e expor os conteúdos deste 1º módulo.

Estava com medo de passar uma primeira imagem errada aos alunos. Não sabia se devia adotar uma postura mais rígida ou mais flexível.

Planeei várias vezes como me ia apresentar e como ia expor os conteúdos e às 10h30min assim o fiz: Apresentei-me, conheci-os, falamos dos conteúdos e fiquei a perceber um pouco da dinâmica existente na turma.

No final da Aula, em conversa com a Professora Cooperante (PO), fiquei a saber que era uma turma trabalhadora, mas que era necessário cativá-los, motivá-los, e acima de tudo, conquistá-los!

“Estava com bastante receio da turma que ia encontrar. Já tinha conhecimento que os alunos eram mais velhos e isso deixou-me bastante nervoso. Depois de começar a falar o nervosismo acalmou e percebi que a turma se for bem trabalhada pode ser uma boa turma. Os alunos são um pouco resmungões e brincalhões mas no entanto quando é para trabalhar, quase todos, se empenham. Saí com uma imagem diferente da turma.” (Aula 1- Módulo 1)

Nas primeiras aulas, o **clima** em contexto escolar era ótimo, os alunos respeitavam-me e estavam motivados para a prática. A minha turma tinha uma média de idades de 18.3 anos, o que me levou a pensar se estes me veriam como professor ou como “colega”.

Durante o ano fui percebendo de alguns problemas pelos quais estes alunos passavam e mesmo assim continuavam a ir às aulas. Isto só me motivou ainda mais, a dar melhores aulas, a dar mais de mim, porque eles mereciam.

No início do ano identifiquei alguns alunos como mais irrequietos. Para ser mais preciso, 3 alunos. Fui ganhando aos poucos a confiança e o respeito deles e estes mostraram-se como chave para conseguir obter o respeito de toda a turma. A certa altura os mais irrequietos eram os mais empenhados e os que me ajudavam na construção dos exercícios.

Este **clima** manteve-se assim até ao final. Tive sempre uma boa relação com a turma e criamos uma amizade entre todos. No final do ano os alunos realizaram uma festa surpresa para se despedirem de mim. É ótimo sentirmos que o nosso trabalho surtiu efeito e que marcamos as pessoas de alguma maneira.

“O clima e o controle disciplinar, embora se possam considerar como aspetos distintos, mantêm as condições relacionais que presidem à manutenção dos comportamentos apropriados. Fácil se torna entender que estes problemas dizem respeito à forma de estar e à interação entre o agente de ensino e o praticante.” (Sarmiento 2004)

A disciplina da turma que conquistei no início foi-se esvaindo com o passar do tempo e os alunos foram ganhando alguma confiança e começaram a ficar mais à vontade na aula. Por um lado era bom, tinha conseguido uma ótima relação com eles. Por outro, senti que os estava a perder um pouco aquando da realização dos exercícios.

“No final da ativação geral reparei que faltavam 2 alunos. Estavam escondidos atrás do separador do pavilhão. Nesse momento percebi que seria interessante ter uma conversa com eles para perceber o que se estava a passar e o porquê daquela atitude.” (Aula 16- Módulo 1)

Este fator levou-me a repensar a minha abordagem e alterar alguns aspetos na lecionação. Como defende Graham (1992), o professor, no momento em que os alunos realizam comportamentos indesejados, deve ter a atitude baseada num sistema misto de prevenção e ação, um misto de punição momentânea e desenvolvimento da consciência do aluno sobre as regras que deve cumprir.

De acordo com Oliveira (2002), é importante que os professores adotem uma atitude coerente face aos problemas de aprendizagem e de disciplina. Antes de reagirem a qualquer incidente disciplinar, o professor deve tentar compreender o aluno e as razões que o levaram a comportar-se fora dos limites definidos.

Isto levou-me a pensar se estaria a deixar os alunos demasiado relaxados com a disciplina e que não lhe dessem o devido valor.

Uma das estratégias que utilizei para tentar contornar este obstáculo foi a de começar a fornecer algumas tarefas aos alunos, como por exemplo: realizar um exercício para ativação geral em que teriam que utilizar arcos.

Esta tarefa era atribuída a um aluno no final da aula e este teria que a realizar no início da seguinte. Com esta abordagem voltei a ganhar o respeito dos alunos porque eles perceberam que não é fácil manter o controlo de uma turma e deram valor ao meu trabalho.

A **gestão da aula** revelou-se ser um fator muito importante no que concerne ao nível de envolvimento dos alunos na aula.

Quanto mais rápida e concisa for nossa transição entre exercícios melhor será o nível de atenção dos alunos.

Segundo Rosado e Ferreira (2009), o sistema de gestão das tarefas corresponde a um plano de ação do professor que tem como objetivo a gestão do tempo, dos espaços, dos materiais e dos alunos. O objetivo é obter

elevados índices de envolvimento, nomeadamente pela da redução da indisciplina e uso eficaz do tempo.

Na generalidade não tive grandes problemas com este aspeto. Os alunos sempre me ajudaram na construção dos exercícios e já sabiam que quando é para trabalhar, é para trabalhar!

Aliada á **gestão da aula** surge a **instrução**. Se não formos capazes de apresentar de forma concisa e objetiva o que pretendemos não nos serve de muito ter um bom **clima** e **uma boa disciplina** na aula.

Relativamente à instrução, na minha turma, tinha algo que a diferenciava das outras, que era o facto de ter duas alunas surdas.

A instrução assume-se como uma técnica de intervenção pedagógica para que o professor possa transmitir os conteúdos de forma efetiva, podendo incluir diversos comportamentos, como a demonstração, a explicação e o feedback. Como refere Mesquita e Rosado (2011) a instrução deverá incorporar modalidades visuais, auditivas, táteis e cinestésicas.

Como referi anteriormente, havia duas alunas surdas na turma e aquando da instrução tinha que falar sempre virado para elas para que me entendessem.

Os restantes alunos, como estavam habituados a esta situação, também as ajudavam a entender quando não tinha sido suficientemente perceptível.

Em alguns jogos tinha que adotar a minha linguagem ao contexto, como por exemplo: no jogo dos coletes, em que os alunos têm números definidos e ao serem chamados têm que ir buscar o colete. Por norma, chamaria os números, neste caso, utilizei cartazes com números desenhados para ser igual para todos. Em vez de chamar levantava um cartaz e todos os alunos viam da mesma forma.

4.2.3.1) Modelos de ensino

Os modelos de ensino assumem um papel crucial no ensino da EF. Mesquita e Graça (2006, p. 271) reportam que “os modelos de instrução para o ensino do jogo desempenham um papel crucial, porque oferecem uma estrutura que permite conjugar o conhecimento do conteúdo com uma perspetiva pedagógica de propósitos e processos de ensino e aprendizagem, papéis do professor e praticantes, características das tarefas e das relações sociais na aula.” Acrescentam ainda que “não há nenhum modelo que seja adequado a todos os envolvimento da aprendizagem, a eficácia do ensino deve ser interpretada através do recurso a modelos de instrução que forneçam uma estrutura geral e coerente para o ensino e treino do desporto” (Graça & Mesquita, 2009, p. 39).

O modelo de instrução direta caracteriza-se pelo seu estilo autocrático, prescritivo e unidirecional, o processo está no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem, controlando as atividades dos alunos. Este modelo recorre à reprodução sistemática das tarefas no sentido de interiorizar os conteúdos, o professor pretende que o aluno possua competências básicas para avançar para tarefas mais complexas. Na minha perspetiva este modelo permitiu-me ter um maior controlo da turma este aspeto garantia vantagens na transmissão dos conteúdos de ensino.

Para além do modelo referido em cima, fizeram parte da minha atuação alguns pressupostos do modelo de educação desportiva. Neste modelo verifica-se uma valorização da competição para que ocorram aprendizagens significativas nos alunos. Recorri à criação de equipas que me facilitaram gestão do tempo e a organização da aula.

A partir daqui, posso assumir que recorri às características de vários modelos de ensino. Não me centrei apenas num, mas sim, fui buscar algo de cada um, utilizando assim uma estrutura híbrida.

Desta maneira, tentei conjugar várias características de modelos distintos com o objetivo de criar uma aprendizagem que respondesse de uma forma coerente às necessidades dos alunos e da turma.

4.2.3.2) Avaliação

A avaliação, como afirmam Rosado et al., (2002) trata-se de um instrumento básico de processamento de informação por parte dos professores.

O professor está constantemente em avaliação, quer dos alunos, quer de si mesmo. Segundo Bento (2003), a análise e a avaliação, juntamente com a planificação e a realização, evidenciam-se como tarefas centrais da atividade do professor. Gonçalves et al. (2010) complementam referindo que a avaliação é um processo integrante e regulador das práticas pedagógicas, assumindo também um papel na certificação das aprendizagens e das competências incrementadas.

De acordo com Rink (2014), a avaliação tem 5 princípios: 1) fornecer aos alunos informações relativas ao seu processo; 2) medir a eficácia do ensino; 3) fornecer ao professor informações acerca do estado de desenvolvimento dos alunos em relação aos objetivos para, em caso de necessidade, readaptar o ensino; 4) avaliar o programa curricular; para situar os alunos num grupo de ensino de acordo com o nível; e 5) fornecer ao professor informações sobre os alunos para fins de classificação.

A avaliação serve de instrumento mediador entre aluno, o professor e a sua lecionação.

O processo de avaliação sempre me deixou um pouco desconfortável. Ainda agora tenho dúvidas sobre algumas notas, mesmo após grande discussão em reunião e com a professora Júlia. É muito complicado decidir se

devemos premiar o aluno que teve um bom crescimento ou beneficiar aquele que se manteve sempre regular.

No início de cada UT, realizei a avaliação diagnóstica (AD), que se explica com o propósito de perceber em que estado se encontram os alunos e o que sabem da matéria.

Com esta avaliação consegui planejar a UT de outra forma e definir extensão dos conteúdos. Consequentemente fiquei também uma referência inicial de cada aluno correspondente ao tema avaliado.

Nesta primeira avaliação as dúvidas que surgiram foram as seguintes: filmo os alunos? Que instrumento uso? Que exercícios escolho?

Optei por definir um número reduzido de critérios e que fossem de fácil visualização.

A avaliação ocorreu basicamente em dois grandes momentos, a AD e avaliação sumativa (AS) que se refletiu numa avaliação continua.

Relativamente á avaliação formativa (AF), ficou acordado que não existiria um momento, mas sim uma continuidade. Esta avaliação tem como principal função dar ao professor indicadores de desempenho, tanto seus, como dos alunos e a partir daí adaptar, se necessário.

Penso que no contexto em que estava inserido não tinha lógica realizar uma AS, num só momento, mas sim uma avaliação contínua dos conteúdos lecionados. Esta avaliação contínua foi feita refletindo junto da PC, ao longo do ano letivo, através do desempenho e evolução dos alunos.

Existiram momentos de AS, como por exemplo, no final do Modulo 4, em que os alunos realizaram uma coreografia.

No que concerne à avaliação, como referi em cima, a maiores dificuldades prenderam-se nas dúvidas entre as notas. Se estaria a ser justo ou não. É preferível beneficiar um aluno que não fazia nada e melhorou bastante ou premiar aquele que se manteve regular durante todo o ano? Estas questões

ainda me apoquentam de certo modo. É preferível premiar aquele que aumentou exponencialmente nas últimas aulas ou o que subiu gradualmente mas que se manteve sempre interessado e trabalhador, supondo que atingiram os dois o mesmo nível de desempenho?

Em suma, senti mais dificuldade na AD, porque na elaboração dos critérios nunca sabemos se os alunos serão capazes de executar ou não o que estamos a espera que executem. Na AS prendi-me com estas questões que foram ultrapassadas em conversa com a PO e nas reuniões de avaliação, em que já levávamos as notas definidas.

Uma das grandes vantagens da AF é a de dar ao professor marcadores palpáveis dos objetivos. Se estes tinham sido atingidos ou não.

4.3.2) Turma partilhada

A par da turma do 11º AI (turma residente), do 1º Ano (AEC) também tive a oportunidade de lecionar, juntamente com os meus colegas do NE, à turma de 10ºGD.

Esta turma era do curso profissional de Gestão Desportiva.

Neste capítulo fiquei encarregue de lecionar aulas teóricas, conforme os módulos do curso.

A turma era constituída por 20 alunos, em que somente 11 é que faziam parte da minha área lecionação.

Esta experiência foi bastante impulsionadora visto que tinha dificuldades em fazer apresentações orais. No início fiquei alarmado com esta proposta. Fui obrigado a rever conteúdos, que tinha aprendido na Faculdade, para conseguir ensinar os alunos da melhor maneira.

Após a primeira aula senti que estava preparado para este desafio e que o nível de conhecimento dos alunos não era muito alargado, o que me deixou mais confortável, mas também me mostrou que tinha muito trabalho pela frente.

Estabeleci uma ótima relação com a turma e consegui transmitir-lhes os conhecimentos pretendidos. Foi uma experiência que gostava de repetir, a de lecionar aulas de teóricas. Pensei que me ia sentir estranho mas na realidade gostei imenso.

4.3) Área 2 – Participação na escola e relação com a comunidade

A área II aponta ações de potencial envolvência do PE na escola e na comunidade, fora do âmbito da lecionação, que os PE devem organizar ou participar, em núcleo de estágio (NE).

4.3.1) AEC- Atividades de enriquecimento curricular

Ficou definido no início do ano que iria ter também uma turma do 1º Ano, de escola Básica.

Esta escola possui infraestruturas excelentes, tem muito material, um pavilhão em ótimas condições e todos os elementos integrantes no processo educativo muito disponíveis.

A Escola Básica foi construída no ano de 2010. Situa-se perto da Avenida Fernão de Magalhães, junto ao Estádio do Dragão, no Porto.

É uma escola com uma energia muito positiva, adorei estagiar nesta escola.

Ao meu encargo ficou uma turma com 26 alunos, muito regulas e traquinas mas com uma enorme vontade de aprender. Esta experiência foi ótima, criei uma grande empatia com as crianças.

Abracei este desafio com muita vontade, vontade de aprender, vontade de ensinar e, acima de tudo, de fazer crescer as crianças com quem tive contacto.

No início do ano senti que tinha que controlar a turma. Eram 26 crianças muito irrequietas, pelo que, ao longo do tempo, fui estabelecendo estratégias para os controlar, como por exemplo: a aula só começava depois de estarem todos sentados e em silêncio. Nas primeiras aulas eles ainda corriam no pavilhão aos gritos mas cedo se foram apercebendo que se o seu comportamento fosse melhor a aula iniciava mais rápido e tínhamos mais tempo de trabalho. Era engraçado ver os alunos a mandar os outros fazer silêncio. Era sinal de que gostavam da aula e queriam aprender!

Aos poucos fui conquistando a confiança dos alunos que no início pediam à PC para apertar cordões, fazer tranças, etc. A partir do momento que os conquistei começaram-me a pedir a mim, foi uma vitória. Achei engraçado que numa das aulas uma menina olhou para mim e disse: “ Papá, prendes-me o cabelo?” Fiquei muito feliz com esta ação, queria dizer que ela me via como alguém importante, claro que não como um pai, mas como um amigo, irmão mais velho, alguém em quem ela tinha confiança.

Já tinha trabalhado com crianças em campos de férias mas nunca por um período tão longo. Esta oportunidade foi muito gratificante! Os alunos gostavam de me contar a sua vida fora da escola: “No sábado joguei e marquei um golo” , “ Amanhã a minha mãe faz anos” , “ Vou ter uma irmã”.

Outro aspeto que achei importante foi o facto de os pais reconhecerem que nós também éramos professores da turma. Quando um aluno faltava e trazia um recado dos pais começava da seguinte forma: “ Caros professores de educação física, professora Júlia e professor Alexandre”. Isto quer dizer que eles nos viam mesmo como professores da disciplina, tanto os alunos como os pais.

Tive alguns obstáculos durante o meu trajeto mas penso que os ultrapassei com relativa facilidade. Numa das aulas a professora de Português estava doente e os alunos do 2º ano foram fazer a aula junto com os meus alunos do 1º ano. Ao início fiquei atrapalhado, porque eram 56 alunos, mas cedo decidi como haveria de contornar a situação. Realizei 8 estações de

trabalho e os alunos trocavam de estação a cada sinal sonoro. Esta aula foi muito enriquecedora porque nunca tinha tido tantos alunos à minha responsabilidade e tive que lidar com o problema. No final a PC deu-me os parabéns porque consegui agir de forma correta e não perdi o controlo da(s) turma(s).

Em suma, este ano letivo a lecionar AEC deixou-me com vontade de fazer mais, de ter uma turma para mim, uma turma que eu possa ajudar a crescer e a melhorar.

4.3.2) O Magusto

Inserido no plano anual de atividades surgiu o Magusto, que já tinha data definida e também funções atribuídas a cada elemento do agrupamento.

A minha turma residente, o 11º AI, tinha um papel preponderante na gestão do mesmo. A turma estava encarregue de ir buscar os alunos, de todo o agrupamento da Escola Secundária António Nobre e assegurar-se do seu comportamento ao longo da atividade.

O nosso NE ficou encarregue da gestão e dinamização das estações de jogos que estavam divididas pelo pavilhão gimnodesportivo.

Não tive um papel fundamental na elaboração da atividade visto que é algo que já vem sendo desenvolvido há vários anos. Contudo, tive a oportunidade de executar uma coreografia com os meus alunos do 11ºAI no final da atividade.

A coreografia aconteceu porque, nesta altura, estava a terminar o “Modulo 4- Ritmo do Corpo” que se adequou perfeitamente à situação. Foi muito divertido e conseguimos que toda a gente no pavilhão nos desse atenção nesse momento.

Posso afirmar que a atividade correu como estava objetivada e tanto os alunos, como professores e funcionários disfrutaram da mesma.

4.3.3) Visita a Faculdade de Desporto-Turma 10º ano

A visita realizou-se no dia 21 de Dezembro de 2016, pelas 8h25minutos e estiveram presentes todos os 21 alunos da turma, as professoras Júlia Gomes e Sandra Magalhães e os professores estagiários da Faculdade de Desporto.

Iniciamos a visita com partida da escola secundária, para a Faculdade, a pé, cumprindo todas as normas de segurança.

Na Faculdade fomos recebidos pelo Doutor António, dos serviços académicos, que nos apresentou todas as possibilidades de acesso ao Ensino Superior, assim como a história da Faculdade.

Seguidamente, fomos convidados a visitar todas as instalações da Faculdade: Associação de Estudantes, cantina, refeitório, reprografia, pavilhão de ginástica artística, pavilhão de ginástica rítmica, pavilhão multiusos (desportos coletivos e atletismo), piscina, balneários, biblioteca, laboratório de investigação, sala de musculação, squash, sala de desporto adaptado, judo, secretaria, espaço envolvente, campos exteriores de atletismo (pista), campo de futebol, ténis e golfe.

No fim da visita, pelas 13h, regressamos, a pé, à escola Secundária António Nobre, cumprindo, novamente, todas as normas de segurança.

É de referir que todos os alunos tiveram um comportamento exemplar, dando uma boa imagem da escola e do curso a que pertencem. A avaliação

desta visita foi feita pelos alunos, 19 alunos avaliaram com “muito bom” e 2 com “bom”.

Esta atividade foi bastante enriquecedora para os alunos porque todos queriam conhecer a Faculdade e perceber o que lá se faz.

Com isto, conseguimos abrir uma porta, ao mostrar aos alunos o quão bom é o curso de Ciências do Desporto! Muitos têm interesse em ir para a Faculdade e assim já ficaram a conhecer o que lhes podemos oferecer.

Os objetivos propostos pelos professores organizadores foram completamente concretizados.

4.3.4) Visita à FADEUP- Turma 11º ano

Numa das reuniões de NE, ficou decidido que os alunos da minha turma, 11º AI, também iriam visitar as instalações da Faculdade.

Utilizamos o mesmo roteiro e realizamos a visita no dia 22 de Dezembro de 2016, pelas 8h25 minutos. Estiveram presentes 13 alunos da turma, a professora Júlia Gomes e eu.

É de referir que todos os alunos tiveram um comportamento exemplar, dando uma boa imagem da escola e do curso a que pertencem. A avaliação desta visita foi feita pelos alunos- 13 alunos avaliaram com “muito bom”. Faltou a esta visita um aluno.

Achamos pertinente esta visita porque vários alunos desta turma têm intenções de ir para a Faculdade e a entrada no curso de Técnico de Apoio à Infância só aconteceu porque o curso de Gestão Desportiva não abriu no ano em que se candidataram.

4.3.5)Corta-mato

O corta-mato escolar foi realizado no dia 19 de janeiro, assim, como estava previsto no planeamento anual.

A atividade reuniu todos os alunos das escolas que pertencem ao agrupamento e por isso todos os elementos do grupo de Educação Física estiveram presentes, para ajudar e planear a mesma.

Estiveram presentes alunos desde o 1º ao 12º ano e a divisão dos mesmos foi feita por escalões.

Antes do início da “corrida” todos os alunos foram reconhecer o percurso, a passo, acompanhados por um professor. Esta ação foi muito importante visto que havia vários trajetos, com diferentes distâncias, para diferenciar os escalões.

Inicialmente partiram os alunos mais novos, do 1º ano, e o escalão foi subindo até chegar ao 12º ano.

Tivemos a presença da ex-atleta olímpica Fernanda Ribeiro, que se incumbiu de amadrinhar o evento e distribuir as medalhas e diplomas a todos os participantes.

Fiquei responsável por controlar os alunos na troca das fitas sinalizadoras do percurso. Tinha que estar atento às mudanças de escalão e ordenar a troca das fitas.

Como NE ficamos responsáveis pela distribuição das credenciais e ainda controlar se todos os alunos realizavam a segunda volta prevista.

A atividade decorreu como planeado e a acrescentar a isso, um dos meus alunos da turma 11ºA1 ficou apurado para a fase seguinte.

4.3.6) Festa de Natal

No final das atividades letivas do 1º período, na escola básica das , foi realizada a Festa de Natal. O principal objetivo foi o de proporcionar aos alunos uma atividade de convívio e interação entre os mesmos. Aliado a isto foi possível os alunos mostrarem aos seus pais e Encarregados de Educação algumas das atividades que aprenderam em educação física.

O local escolhido para a realização da festa foi o pavilhão da Escola, que se encontrava dividido por estações, com o objetivo de todos os alunos experienciar as atividades que definimos.

Um dos propósitos adjacente a esta atividade era a promoção da atividade Física que passou por tentar passar a mensagem de consciencialização e da sua importância aos Encarregados de Educação.

Juntamente com o NE fiquei encarregue de algumas tarefas como: planeamento e construção das estações.

Foi deveras interessante e gratificante ver os pais e Encarregados de Educação com os seus filhos, a ajudarem-se, a brincarem, a divertirem-se!

Nos dias de hoje não é fácil ir ao parque com os filhos brincar com eles, não há tempo, os filhos podem-se aleijar, inúmeras desculpas vêm em contestação.

Com esta atividade conseguimos proporcionar um momento lúdico entre todos e fizemos crescer a comunidade escolar.

4.3.7) Reuniões de Núcleo de estágio

As reuniões de NE aconteceram como o previsto. Semanalmente, à hora estipulada, todos nos deslocávamos à Escola Secundária António Nobre para promover a sua realização.

Estas reuniões mostraram-se de elevado interesse didático e pedagógico.

Eram momentos em que expúnhamos as nossas dúvidas, as nossas vivências e tentávamos ajudar-nos mutuamente.

À parte das reflexões escritas, nestas reuniões fazíamos uma exposição dos nossos problemas e das soluções que encontramos para os contornar e ultrapassar. Utilizamos estas reuniões para sugerir e debater ideias de como abordar determinado conteúdo.

Além destes temas, usufruímos deste espaço de conversa/discussão para sugerir temas de atividades a realizar com os alunos, como a visita à faculdade.

4.3.8) Reuniões do conselho de turma

As reuniões do conselho de turma eram marcadas previamente, para resolver problemas, falar sobre alunos e também para nos consciencializarmos do desempenho dos alunos nas outras disciplinas.

A primeira reunião do conselho de turma evidenciou-se como preponderante. Nesta reunião fiquei a conhecer alguns dos problemas dos alunos da turma, o que se passava nas suas famílias, como eles reagem a determinadas situações. Assumo que fiquei chocado! Não fazia ideia do que se passava na cabeça de cada estudante, fiquei abismado com algumas situações.

Estas reuniões ajudaram-me a crescer e a aprender a lidar com algumas situações. Percebi que por vezes não era má vontade dos alunos a vir ao de cima, mas sim eles a tentarem lidar com as situações que vivem fora da escola.

Posso afirmar que na minha disciplina não tive nenhum problema semelhante aos que ouvi relatarem nas outras disciplinas, em que se recusavam a trabalhar e eram mal-educados.

Quando expunha o comportamento contrastante dos alunos nas minhas aulas, em comparação com as dos colegas professores, eles nem queriam acreditar que se tratava do mesmo aluno.

Posso afirmar que estas reuniões demonstraram ser muito pertinentes mas os temas eram redundantes, quase sempre sobre comportamento e aproveitamento dos alunos.

4.4 Área 3 – Desenvolvimento profissional

Um dos objetivos do ano de estágio é podermos arriscar e experimentar na prática o que aprendemos durante o curso.

A título desafiante, surge a área 3, que se remete ao desenvolvimento profissional, que por sua vez tem inserido o estudo que realizamos durante o ano de estágio.

4.4.1 Ciclo investigação ação- Controlo da turma: problemas e estratégias

Resumo

O presente estudo tem o objetivo de explorar modelos de ensino e estratégias que possam ajudar no controlo e aproveitamento da turma. Os participantes foram 26 alunos, do 1º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos. O estudo está estruturado em 3 momentos: de problemas encontrados e consequentes estratégias. Os resultados demonstraram que não nos podemos focar somente num modelo, ou numa estratégia, mas sim numa conjugação de ambos. Com esta conjugação conseguimos ter uma lecionação mais rica e um maior controlo da turma, o que faz com que o aproveitamento dos nossos alunos seja melhor.

Introdução

Das maiores dúvidas que tive no estágio foi relativamente ao estudo, pensei em vários temas mas nenhum deles me parecia adequado nem pertinente.

Resolvi analisar o panorama em que estava inserido e tentar perceber o que me estava a causar desconforto naquele momento.

Aferi que as AEC's (atividades de enriquecimento curricular) me estavam a desafiar de tal forma que ia bastante nervoso para as aulas. Este nervosismo não se devia á escolha de exercícios nem de conteúdos, mas sim ao controlo da turma.

Esta turma era composta por 26 “matraquilhos”, como lhes costumava chamar, estes matraquilhos, inquietos, barulhentos, energéticos estavam-me a dar muitas dores de cabeça. Não só a mim, mas também a PC.

Decidi, então, que o meu estudo se iria incidir em algo á volta disto. Ponderei bastante e resolvi que iria fazer um ciclo de investigação-ação.

O Presente estudo tem o objetivo de explorar modelos de ensinios e estratégias que possam ajudar no controlo e aproveitamento da turma.

Metodologia

O presente estudo é definido por 3 momentos. Em cada desses momentos a turma é caracterizada relativamente ao estado em que se encontra.

Consoante os problemas encontrados adoto diferentes estratégias para os tentar ultrapassar/ minimizar.

As estratégias passam por utilizar diferentes modelos de ensino e, deste modo, devemos entender que os modelos instrucionais desempenham um papel crucial, uma vez que permitem conjugar o conhecimento do conteúdo com uma perspetiva pedagógica, com propósitos e processos de ensino e aprendizagem, papéis do professor e dos alunos, caraterísticas das aulas e das relações nas mesmas, na opinião de Mesquita & Graça (2006)

Grupo do estudo

Este estudo foi realizado com 26 alunos do 1º ano de escolaridade.

A Média de idade é de 6,4 anos e a turma era constituída por 13 rapazes e 13 raparigas.

Processo de investigação ação

Como referi anteriormente irei caracterizar 3 momentos/problemas e estratégias para os tentar solucionar/minimizar.

1º Momento

Neste momento, no início do ano letivo, deparei-me com uma turma muito irrequieta, barulhenta e desobediente. Já tinha alguma experiência com crianças em campos de férias, no entanto, como nos campos férias, eles não se conheciam tão bem uns aos outros era mais fácil controlá-los.

O que me deixava mais angustiado e desesperado era controlá-los ao no início da aula.

Os alunos, quando chegavam ao pavilhão começavam a correr e a gritar, até os conseguir controlar demorava perto de 3-4 minutos.

Decidi que teria que ser mais diretivo com eles, tomar uma posição para que eles me respeitassem.

Optei por utilizar uma abordagem do Modelo de instrução direta (MID), em que somos mais assertivos e diretos.

O MID caracteriza-se pelo seu estilo autocrático, prescritivo e unidirecional, o processo está no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem, controlando as atividades dos alunos. Este modelo recorre à reprodução sistemática das tarefas no sentido de interiorizar os conteúdos, o

professor pretende que o aluno possua competências básicas para avançar para tarefas mais complexas.

Com esta abordagem consegui ter um maior controlo da turma, ocorrendo menos comportamentos desviantes. Este aspeto garantia vantagens na transmissão dos conteúdos de ensino.

Uma das estratégias que defini foi a seguinte: aquando da entrada do pavilhão todos os alunos se sentam e a aula só começa quando todos fizerem silêncio.

Foi engraçado ver os alunos a chamarem a atenção uns aos outros. Começaram a perceber que quanto mais tempo perdiam a falar e rir-se menos tempo faziam aula.

Com isto consegui que a turma tivesse um comportamento um pouco melhor. Melhorei também a transição entre exercícios, utilizei exercícios por estações porque vi que resultava bem com a turma e aprimorei de alguma forma o seu aproveitamento.

2º Momento

Nesta fase a turma já estava mais controlada, no entanto, percebi que alguns alunos não se esforçavam o suficiente. Faziam as tarefas pelos mínimos, não se interessavam pelo conteúdo, só faziam por fazer.

Percebi que tinha que fazer alguma coisa a respeito deste problema. O meu objetivo nesta fase era que os alunos se empenhassem mais e que dessem mais de si nas tarefas da aula.

O propósito deste momento foi de criar integração e filiação as tarefas da aula. Utilizei algumas características do Modelo de educação desportiva (MED) para ver se sortia efeito.

Este modelo prima-se por uma valorização da competição para que ocorram aprendizagens significativas nos alunos. Para além da competição preza ainda pelo trabalho em pequenos grupos heterogéneos desenvolvendo a cooperação entre os vários elementos do mesmo, contribuindo para o aumento

da autonomia e iniciativa dos jovens. Ao longo desta etapa procedi à elaboração de equipas que em diversas aulas funcionaram como grupo de trabalho. Cada grupo de trabalho tinha um capitão e esse capitão era responsável pela sua equipa.

Com esta abordagem consegui que os alunos mais inquietos dessem valor as tarefas. Utilizei estes alunos, os mais energéticos, para liderar a equipa. O objetivo era que eles estivessem focados nos colegas, tentando que estes dessem o melhor de si.

Neste momento utilizei uma abordagem híbrida, uma mistura entre o MID e o MED.

Posso concluir que foi uma boa decisão e que a turma teve mais aproveitamento. Todos os alunos se esforçavam porque queriam que a equipa ganhasse.

Não me alonguei muito mais nas características do MED, limitei-me a utilizar estatísticos para controlar os pontos obtidos por cada equipa de modo a que todos se esforçassem a fazer um bom trabalho.

3º Momento

O trabalho que tinha feito até esta fase foi interessante mas comecei a sentir que os alunos só queriam ganhar e não respeitavam os colegas. Achei que era pertinente que eles dessem valor aos colegas e que os respeitassem.

No 3º ano tive o prazer de experienciar uma ação de formação com o Professor Fernando Santos, em que se baseou no modelo do desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto.

Nos últimos anos têm vindo a consagrar ao Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) crescente importância no domínio da investigação e da intervenção com crianças e jovens. Consistindo essencialmente num conjunto de estratégias que visa alinhar as potencialidades dos jovens com os recursos necessários à sua transição para uma vida adulta bem-sucedida (Damon, 2004; Lerner et al., 2005; Martinek & Ruiz, 2005; Restuccia & Bundy, 2003), o

DPJ privilegia a identificação e orientação dessas potencialidades para uma vida de sucessos e de contribuições para os próprios e para as suas comunidades, através de intervenções devidamente estruturadas para o efeito.

Falei com o professor Fernando e este dispôs-se, a realizar uma ação de formação na escola com este intuito. Esta ação resumiu-se a realizar atividades com o objetivo de fomentar e desenvolver capacidades nas crianças. Como a confiança, o respeito, o carinho, etc.

No final da ação, todas as crianças adoraram e foi possível constatar algo que não reparei nas outras aulas. À medida que os exercícios foram fluindo foi possível observar que os alunos se estavam a respeitar e ajudar mutuamente, p ex: “ no jogo o “ladrão de bolas”. O objetivo era ir buscar bolas ao centro, 1 de cada vez, e só um jogador por equipa. Se os alunos trouxessem mais que uma a equipa era penalizada.” Esta penalização sobre a equipa fez com que os alunos respeitassem mais os colegas, perceberam que não era justo uns trazerem uma bola e outros duas. Aos poucos foram interiorizando estas ideias e consegui com que no final no ano os alunos tivessem mais ética nos exercícios.

Conclusão

Do estudo efetuado foi possível concluir que por mais que queiramos solucionar todos os problemas isso torna-se impossível.

Sempre que encontramos uma solução surge um novo problema. É isso que nos fascina e que nos motiva a trabalhar novamente para que a nossa lecionação seja melhor.

Neste estudo o foco foi o controlo da turma e a busca de soluções para resolver esses problemas.

Concluí que não nos podemos focar somente num modelo, ou numa estratégia, mas sim numa conjugação de ambos. Com esta conjugação conseguimos ter uma lecionação mais rica e um maior controlo da turma, o que faz com que o aproveitamento dos nossos alunos seja melhor.

O nosso objetivo é criar alunos dotados de capacidades, obviamente, mas a par disso, surge a criação de um aluno ético e integral.

O Desporto transporta-se para a vida, existindo ética e respeito no desporto, existe o mesmo na vida. Um dos grandes objetivos do professor é esse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Damon, W. (2004). What is positive youth development? *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 13-24.

Graça, A., & Mesquita, I. (2006). Ensino do Desporto. In *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S. Naudeau, S., Jelicic, H., Alberts, A. E., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., Christiansen, E. D. & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *Journal of Early Adolescence*, 25(1), 17-71.

Martinek, T. J. & Ruiz, L. M. (2005). Promoting positive youth development through a values-based sport program. *Revista Internacional de Ciencias del Deporte*, 1, 1-13.

Restuccia, D. e Bundy, A. (2003). Positive youth development: A literature review (Memo). Rhode Island: KIDS COUNT.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao deparar-me com este capítulo do relatório de estágio, recordo-me do momento em que tive que deixar a minha cidade para vir estudar para o Porto, ainda com algumas dúvidas se seria este rumo que queria ter para a minha vida.

Passados estes cinco anos de formação repletos de experiências, conhecimentos em diferentes áreas e ensinamentos adquiridos na relação com o outro, com todos os meus professores e colegas, sinto que fiz a escolha certa e não voltava atrás em nada.

O EP foi, sem dúvida, o culminar e o ponto mais alta do meu percurso académico. Foi o momento em que pude expor todo o conhecimento que obtive ao longo destes 5 anos. As vivências e experiências que tive no EP foram excepcionais, o carinho que senti por todos os integrantes no processo foi formidável.

Custou-me um pouco consiliar o trabalho com o estágio, mas sabia que tinha que conseguir.

Pretendi inculcar nos meus alunos alguns valores que considero importantes. Tanto que batalhei que posso assumir que consegui, não na totalidade, mas em parte.

Relativamente ao futuro, pretendo candidatar-me às escolas. Entendo que o paradigma atual não seja o mais favorável, no entanto, tentar não custa.

Aliado á escola, pretendo manter a minha função no mundo do fitness, que é outra paixão que tenho e que tem vindo a crescer a passos largos, nomeadamente as aulas de grupo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. In *Formação Reflexiva de Professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In *Olhares sobre o estágio profissional em educação física* (pp. 31-52). Porto: FADEUP.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física* (Vol. 3). Lisboa: Livros Horizonte.
- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). *Avaliação: Um caminho para o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI.
- Graham, G. (1992). *Teaching children physical education: becoming a master teacher*. Champaign, IL: Human Kinetics Publishers.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2009). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 39-68). Cruz Quebrada: FMH.
- Mesquita, I., & Graça, A. (2006). Modelos de ensino dos jogos desportivos. In G. Tani, J. O. Bento & R. Petersen (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 269-283). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Mesquita, I. and A. Rosado (2011). O desafio pedagógico da interculturalidade no espaço da educação física. *Pedagogia do Desporto*. Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- Oliveira, M. T. M. (2002). A indisciplina em aulas de educação física: Estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de educação física do 2º e 3º ciclos do ensino básico. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu.
- Rink, J. E. (2014). *Teaching physical education for learning* (Vol. 7). New York: McGraw Hill.
- Rosado, A., Dias, L., & Silva, C. (2002). Avaliação das aprendizagens em educação física e desporto. In A. Rosado & C. Colaço (Eds.), *Avaliação das aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas* (pp. 11-95). Lisboa: Omniserviços.

- Rosado, A., & Ferreira, V. (2009). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 185-206). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Rosenshine, B. (1979). Content, time and direct instruction. In P. Peterson & H. Walberg (Eds.), *Research on teaching: Concepts; findings and implications* (pp. 28-56). Berkeley: McCutchan.
- Sarmiento, P. (2004). Pedagogia do Desporto e Observação. Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- Siedentop, D. (1987). The theory and practice of sport education. In G. Barrette, R. Feingold, C. R. Rees & M. Piéron (Eds.), *Myths, models and methods in sport pedagogy*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Vickers, J. N. (1990). *Instructional design for teaching physical activities : A knowledge structures approach*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Agrupamento de escolas António Nobre: <http://www.ae-anobre.pt/index.php/2014-02-25-17-09-48/escolas-do-agrupamento/escola-secundaria-antonio-nobre>. Consult. em 15 de outubro de 2016.
- Braga, F. (2001). *Formação de Professores e Identidade Profissional*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cunha, A. C. (2002). *Educação Física no Ensino Secundário: Estudo das representações e atitudes dos alunos*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Guerra, S. (2002). OS paradoxos da instituição escolar. Consult. em 10 de novembro de 2016, disponível em <http://terrear.blogspot.pt/2007/01/os-paradoxos-da-instituio-escolar.html>
- Programa de Expressão Corporal, Dramática e Musical- Técnico de apoio á infância (2017).
- Teixeira, M. (1995). *O Professor e a Escola* (pp. 162). Amadora, McGraw - Hill.
- Teresa Martinho Marques, Texto publicado no Correio da Educação, CRIAP ASA, nº232, 3 de Outubro 2005.
- VEENMAN, S. (1984). Perceived Problems of Beginning Teachers. *Review of Educational Research*.

7. ANEXOS

Anexo II – Ficha de observação de aula

Ficha de observação de aula

Nome:

Ano:

Turma:

Número:

Data:

Local:

1 – Qual o motivo que te impede de realizar a aula?

2 – Qual a modalidade abordada na aula?

3 – Quais os exercícios executados durante a aula?

4 – Em qual dos exercícios os teus colegas demonstraram uma prestação mais positiva? Porquê?

5 - Em qual dos exercícios os teus colegas demonstraram uma prestação menos positiva? Porquê?

6 – O que aprendeste através da observação da aula?

7 – Gostaste da aula? Porquê?



Anexo II – Cartaz do corta-mato escolar



CORTA-MATO 2016/17
AE António Nobre



Fernanda Ribeiro
Campeã Olímpica
(Atlanta 1996)

19/01/2017 **10h**

Local: Escola Secundária António Nobre



ANTÓNIO NOBRE Desporto Escolar

